

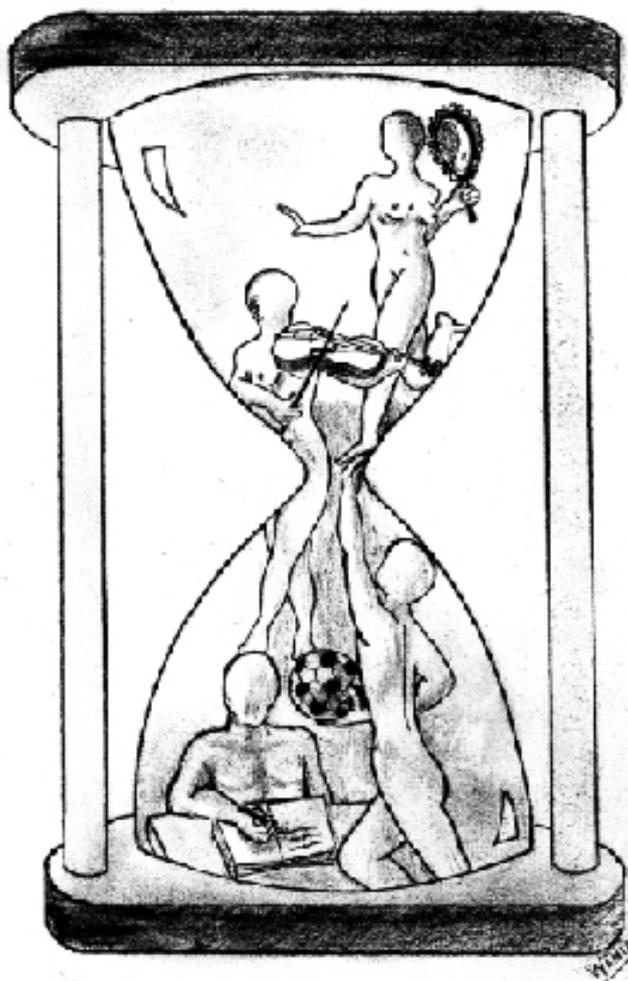
O Brasil no espelho de Maffesoli

Em maio de 1992, Michel Maffesoli debateu publicamente no Rio de Janeiro com
Lamartine P. Da Costa*

E o autor das presentes notas e com Luiz Felipe Baêta Neves - seu interlocutor constante no Brasil - sobre a pós-modernidade¹. Neste evento tornou-se claro que Maffesoli descobrira a posteriori um Brasil ajustado às suas interpretações originais, calcadas numa Europa então permeável a manifestações hedonistas e dionisíacas.

A partir daí delineou-se a fortiori a concepção de que Maffesoli incluir-se-ia numa forma renovada de relação dos intelectuais estrangeiros com a cultura brasileira. Se, no passado, a metáfora modernista da antropofagia implicava na recriação de idéias vindas do exterior como se fossem nossas, hoje já existiriam "devoradores" alienígenas invertendo o sentido da metabolização. Seríamos, então, um laboratório social ora mediado por um Peter Bürke para reelaborar o significado histórico do carnaval²; ou por um Massimo Canevacci para redefinir a pós-modernidade via sincretismos e misturas harmônicas³.

Mas Maffesoli por sua laboriosa démarche com os temas brasileiros teria também se revelado um "devorador" típico de nossas peculiaridades sócio-culturais. Enquanto tal, o olhar francês sobre o Brasil estaria encontrando um contraponto à tradição iniciada por Saint-Hilaire, há quase dois séculos, ao procurar interpretar a sociedade e a cultura do nosso



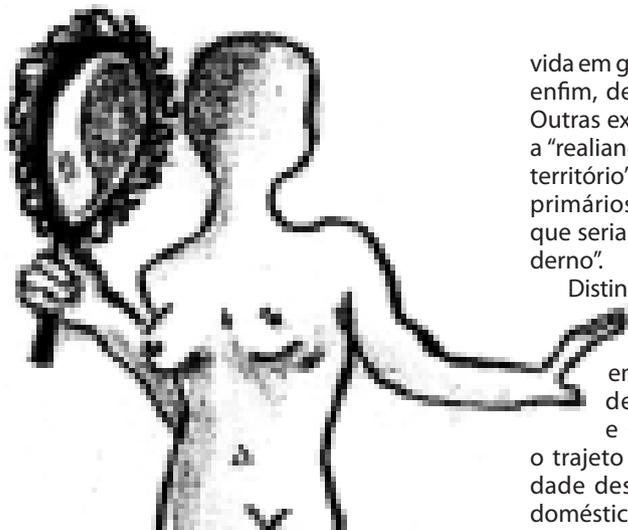
país em face a contrastes e significados universais. Por isso, o legado deste viajante e estudioso francês incluíra um resgate da epopéia dos bandeirantes nos séculos XVII e XVIII, até então subestimados pelos próprios brasileiros diante da falta de comparações mais amplas e significativas⁴.

Pelo mesmo motivo, na passada década de 30, Lévi-Strauss e Braudel deram transparência a uma elite nacional, até à época imperceptível como retrógrada, que se autoreferenciava como modernizadora. Tal olhar francês teve como

exponentes, nas décadas de 50 e 60, os sociólogos Lambert e Bastide, que deram surgimento a dois "Brasis", expressão que se consagrou por revelar uma inusitada convivência entre o arcaico e o moderno numa única cultura⁵. Ainda se cogitando de maîtres-à-penser, os envolvidos com os temas brasileiros nos dias presentes continuam todavia a desvelar identidades unificadoras em meio a contrastes de índole etnocentrista.

Alain Touraine, por exemplo, no seu livro *La parole et la sang*, de 1988, utilizando comparações no tempo e no espaço, alcança uma identidade central proposta para o Brasil: populismo e desenvolvimento econômico⁶. Isto, porém, não tem acontecido com Maffesoli, que supera noções válidas para a "humanidade inteira" e adota particularismos como meios de compreensão. Em tese, esta relação quanto ao conhecimento do Brasil teria um sentido especular pois Maffesoli expõe suas idéias ao público brasileiro para que ele reflita sobre si mesmo.

O jogo de espelhos, inusitadamente, não se montou em torno das obras de Maffesoli publicadas no Brasil, mas através dos jornais, especialmente nos suplementos literários, e de palestras abertas ao público. Como Ortega y Gasset na Espanha anterior à Segunda Guerra Mundial



ou como Jürgen Habermas na Alemanha dos dias presentes, Maffesoli acabou por dialogar com o público brasileiro usando essências de seus livros segundo contextualizações locais. Há, portanto, um pano de fundo teórico que legitima interpretações cotidianas. Em outras palavras, o nosso “devorador” francês elabora suas teorias na perspectiva do locus mas as discute no topos. Ou seja: Maffesoli “nutre-se” do social e do cultural brasileiro, “digerindo-os” nas tessituras de suas teorias.

Para melhor acompanhar esse processo de *speculum* ao gosto e da iniciativa de Maffesoli, vejamos um painel de sínteses produzido com entrevistas e textos publicados em jornais brasileiros entre 1990 e 1997.

Num artigo que leva um sobre-título de “Inédito”, Maffesoli⁷ discorre sobre a proliferação de “tribos” na cultura, instituições e vida cotidiana, remetendo o tema ao seu livro de 1988, *Le temps des tribus*. Como antecedentes deste fenômeno, são destacadas noções de cotidiano, ecologia, território, bairro etc., “que estão em via de delimitar um novo domínio universitário, em particular nas ciências humanas e sociais”.

ARTIGO DE 18 DE MARÇO DE 1990
(JB, IDÉIAS/ENSAIOS)

Partindo do pressuposto de que o hedonismo dionisíaco tomou o lugar da visão prometeica do progresso, Maffesoli passa por D.H. Lawrence e Max Weber - interessados na ligação entre sensualização da existência e o declínio do político - para realçar exemplos franceses de comunidade centrada em “valores naturalistas, que se dividem, com os outros, em um dado local”. Esta experiência de

vida em grupo - ou “familiarismo” - estaria, enfim, determinando a ordem política. Outras expressões desta recorrência são a “realiança” e o “recentramento sobre o território”, ambos relacionados a “grupos primários fundados na afetividade (...) que seriam a marca do espírito pós-moderno”.

Distinguindo “unicidade” de “unidade”, esta última concernente à instituição racional e moderna em oposição à primeira, “formada de relações abertas, efêmeras e emocionais”, Maffesoli refaz o trajeto histórico da vida em comunidade desde a pólis grega até o “lugar doméstico” das sociedades tecnológicas atuais. Em resumo, haveria “arquetipos recorrentes, tais como o cuidado de si e do outro, do ambiente e do próximo”, que privilegiam a unicidade do ontem e de hoje. Ao final, Maffesoli opta por uma generalização: “A sensibilidade ecológica, as ajudas de vizinhos, as manifestações de caridade, as culturas de empresa, a divisão do trabalho, as relações Norte-Sul não passam de modulações de uma nova solidariedade social e natural em gestação”.

O jornalista Bernardo de Carvalho⁸ introduz o entrevistado referenciando-o a um ciclo de conferências ocorrido em Campinas, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza e Belém. Na apresentação, menciona-se que “há dez anos Michel Maffesoli, 46, freqüenta o Brasil, mas prefere nem pensar no que seu amigo Jean Baudrillard fareja como um mercado em desenvolvimento para o pensamento francês”. O interesse do sociólogo da Sorbonne, nestes termos, incide na “violência e na vida cotidiana” dentro do enfoque da pós-modernidade e na conseqüente “erotização e ritualização orgiástica da sociedade”.

Com as perguntas que se seguem, Maffesoli passa a apoiar suas concepções citando experiências francesas, nas quais a ordem, o trabalho e a razão (retornando à metáfora de Prometeu) estariam dando lugar a “valores mais corporais”, como o “prazer de se enfeitar e o prazer do sensível”. Descredenciando Baudrillard, a quem cita textualmente, Maffesoli não se declara pessimista com a evolução orgiástica de seu país e da Europa, visível pela “multiplicidade de manifestações musicais, os grandes concertos, ou as aglomerações esportivas”. Haveria,

então, um retorno ao “estar-junto”, uma paixão comunal tipificada pelas relações sociais da Antiga Grécia.

O diálogo final entre o entrevistador e o entrevistado faz-se em torno de uma posição defendida por Bataille, em que uma sociedade equilibrada seria aquela que soubesse “integrar um pouco de violência”. Diz, então, Maffesoli, encerrando o encontro que “uma integração homeopática de desordem caracterizaria a pós-modernidade”.

Maffesoli fala agora para Ivana Bentes⁹ e inicialmente retoma seus livros - O tempo das tribos, O conhecimento comum, A sombra de Dionísio e o recém lançado na França No fundo das aparências, somente publicado no Brasil em 1996 - para introduzir sua tese central dos grupamentos orgiásticos na sociedade contemporânea, também por ele categorizados como “tribalismo” ou “hedonismo das massas”.

Por oportuno, contudo, Maffesoli relativiza a pós-modernidade tribal que “existe para o melhor e para o pior” no que concerne às “tensões inconciliáveis” deste espontâneo movimento social. Fatos europeus, no caso, confirmariam a ambivalência identificada. Como avanço às posições anteriores de Maffesoli a res-

ENTREVISTA DE 22 DEZEMBRO DE 1991
(JB, IDÉIAS/ENSAIOS)

peito do tema, há ainda menções a uma aliança entre o elo de coesão social em questão com a tecnologia. Ao fundo e ao cabo, Maffesoli retoma o pressuposto vitalista do tribalismo pós-moderno, tendo Nietzsche como matriz e Bergson como perceptor e elaborador, que tem como frase emblemática: “a vida sempre triunfa”.

O Brasil entra apropriadamente nessa contextualização por uma interrogação da entrevistadora, que obtém uma resposta cautelosa mas produtiva: “Gosto do Brasil, mas não posso dizer que o conheço. Assim, de um ponto de vista exterior, considero que o devir dionisíaco do mundo, o mundo pós-moderno, tem uma dimensão trágica e bárbara e isso não só no Brasil (...). Um país como o Brasil é chocante para nós, europeus, é algo que cresce, que pulsa, que se desdobra. Mas o câncer também é vitalista, é um excesso de vida, uma metástase”.

Terminando, Maffesoli confirma suas ligações com o Brasil relatando sobre seu próximo envolvimento com a ECO-92, a Conferência das Nações Unidas sobre o

Meio Ambiente, que viria a ocorrer em meio a vários eventos sediados no Rio de Janeiro, no ano seguinte. Entre estes, Maffesoli fizera adesão ao debate sobre a reinterpretação das cidades por um enfoque de meio ambiente. Adiantando-se, Maffesoli propõe o surgimento de uma nova sensibilidade ecológica de acordo com a pós-modernidade dionisiaca.

Esta nova cultura, em última análise, seria trágica porque convive com problemas ao passo que a sensibilidade ecológica dela decorrente aponta para uma superação dos problemas. Explicando a distinção, Maffesoli volta-se para uma mudança em andamento: a lógica identificada de superação seria interna e não mais uma razão produzida externamente, ultrapassando como proposta as dicotomias clássicas entre natureza e cultura, corpo e espírito, público e privado etc.

Numa longa conversa com Helena Celestino¹⁰, Maffesoli perfila teses antes dispostas em seus livros e ora consolidadas por A contemplação do mundo, sua última obra sendo traduzida à época para o português. Aborda inicialmente a tese da "harmonia conflitiva" que lida com a ambivalência dos valores comunitaristas fundados no sentimento, cuja regeneração na pós-modernidade mostra-se conciliada com manifestações de barbárie.

Continuando, Maffesoli expõe a tese do tribalismo, relevando tanto o aspecto de afinidades eletivas quanto o não-racionalismo desta forma de solidariedade social. Passa, por outro lado, pela tese da mudança de valores promovida pelos grupos e pelas comunidades, que se fundamentaria na "sinestesia social", isto é, de acordo com um ajuste de diversas funções do corpo social. E, por necessário, discorre sobre a tese da heterogeneização da pós-modernidade, como uma evolução positiva da homogeneização induzida pela modernidade.

ENTREVISTA DE 22 OUTUBRO DE 1994
(O GLOBO, SEGUNDO CADERNO)

Quanto ao Brasil, Maffesoli toma-o por conta própria como exemplo ao responder a uma pergunta sobre o papel da imagem e do imaginário na pós-modernidade, conforme a tese da positividade de ambas as manifestações demonstradas no livro ora em lançamento: "Eu considero que a imagem é um vetor de comunhão. Acho interessantíssimo ver como as novelas no Brasil criam movimentos sociais, cumprindo o papel da eucaristia.

A televisão serve de intermediação para as pessoas se unirem. Isso não é negação do real, é recriação de uma comunidade mística, como nas igrejas primitivas".

Esta interpretação conduz a entrevista para uma pergunta objetiva dentro do tema em questão: "De onde vem seu interesse pelo Brasil?". Com ela, Maffesoli também aproveita para consolidar suas teses sobre o país onde se encontrariam constatações empíricas de suas especulações: "É uma velha relação de amor. O país é uma espécie de laboratório das idéias que tento desenvolver. Na sociedade brasileira os valores dionisíacos estão muito presentes, favorecendo a vida comunitária. Chamo de dionisíacos os valores opostos aos ideais de Prometeu, que dominaram durante dois séculos as sociedades, impondo a ideologia do trabalho e a dominação da economia. Sei que os intelectuais brasileiros têm uma certa desconfiança desse lado um pouco irracional da sociedade. A elite brasileira continua sendo formada pelo pensamento europeu e, com freqüência, se contenta em aplicar mecanicamente as idéias de Marx, Freud e Althusser à realidade brasileira. Não quero criar polêmica, mas acho que existe uma certa desconexão entre os intelectuais brasileiros e a realidade do país. Aliás, isso também ocorre na França".

A parte final das declarações volta-se para constantes indagações que envolvem o confronto entre os valores dionisíacos e o realismo econômico que exige visões apolíneas da sociedade. Assim disposta a interrogação, diz Maffesoli: "A realização das pessoas não passa mais necessariamente pelo trabalho, elas estão mais preocupadas com sua qualidade de vida. É uma outra ideologia, em que o tempo livre e o lazer são valorizados".

No lançamento do livro A contemplação do mundo, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Maffesoli fala a Paulo Roberto Pires¹¹ e aborda seu tema favorito - "as tribos urbanas" - pela interpretação de reencantamento do mundo: "A tecnologia desencantou o mundo mas também o reencantou. Pela televisão, por exemplo, programas infantis voltam ao arcaico com cavaleiros e heróis".

Essa visão weberiana manifestada por Maffesoli surge na entrevista ao se abordar a crise da racionalidade, que até recentemente fundamentava o progresso e a cultura moderna. Como a tradição da racionalidade se materializava no único, as particularidades e diferenças foram desvalorizadas. Daí o "desencantamento" do mundo que hoje por inversão do sentido estaria tendendo à fragmentação e, portanto, gerando outra modulação de encantamento.

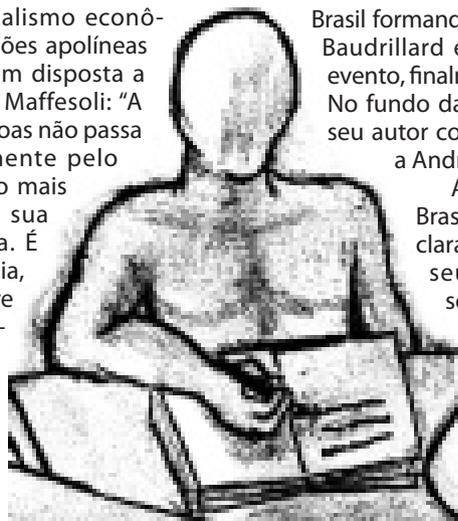
Embora sendo curta a entrevista, as declarações finais incidiram sobre o Brasil - país que o entrevistado visitava há 15 anos até aquela ocasião - quando o jornalista registra uma declaração pública de Maffesoli durante a conferência realizada como evento de lançamento do seu livro: "Assim como a Europa foi laboratório da modernidade, o Brasil seria o da pós-modernidade, que combina o candomblé e a informática. Mas os intelectuais brasileiros continuam a aplicar os sistemas de pensamento modernos, que

ENTREVISTA DE 27 DE MAIO DE 1995
(O GLOBO, SEGUNDO CADERNO)

não foram constituídos aqui".

Durante a "Semana do Pensamento Francês", realizada no Rio de Janeiro em outubro de 1996, Maffesoli volta ao Brasil formando um grupo com Jean Baudrillard e Edgar Morin. Neste evento, finalmente é lançado o livro No fundo das aparências, quando seu autor concede uma entrevista a André Luiz Barros¹².

Agora a postura sobre o Brasil é menos hesitante e claramente assumida: "Em seu país podemos ver soluções para o mundo novo da pós-modernidade". E do mesmo modo que o fazia em 1990, Maffesoli mantém-se no fio condutor do tribalismo: "A pós-modernidade escapa ao



racionalismo de muitos autores. Os megashows de música e os jogos de futebol e outros esportes mostram que a paixão e o afeto estão em primeiro plano, em muitas manifestações sociais hoje (...). Na França as salas de ginástica viraram uma mania. É o fenômeno do body building. Acho esse fenômeno positivo e chamo isso de

corporeísmo.”

Mas o foco central da entrevista desloca-se para a emoção e no final Maffesoli ensaia uma síntese: “Se a modernidade foi clássica e racional, a pós-modernidade é barroca e emocional”.

Paulo Roberto Pires¹³ volta a entrevistar Maffesoli cerca de um ano e meio após o primeiro encontro e, nesta ocasião, o tema refere-se às aparências porque “há tantas aparências quanto tribos”. A consequência deste fato é que não haveria mais uma identidade, mas identificações múltiplas. Ou seja: “Nos filiamos a pequenos grupos por suas formas de vestir, por suas práticas sexuais, características que vão formar os microgrupos. É o que digo quando a importância do corpo individual talha o corpo social, a importância da moda constitui, por exemplo, pequenos corpos sociais.”

Claro está que tais considerações são geradas a partir de No fundo das aparências, que prevê a barroquização do mundo. E, assim sendo, continua Maffesoli: “Eu vejo o barroco como uma das formas de entender a importância da aparência (...). É algo que enfatiza o vitalismo”. Eis então que Maffesoli assume o Brasil mais uma vez como um experimento sócio-cultural: “Logo, o estudo do barroco, incluindo o barroco de Minas Gerais, é um bom caminho metodológico para entender o que está se passando atualmente.”

Na mais recente entrevista de Maffesoli no Brasil, Betina Bernardes¹⁴ abre a matéria revelando a existência de dez livros traduzidos do autor no país. Há ainda ênfase sobre as duas ou três visitas que Maffesoli faz anualmente ao Brasil, o que ele mesmo justifica como sendo um apaixonado pelo país: “Meu sentimento é de que o Brasil pode ser um laboratório de novas maneiras de ser. A minha hipótese é que o Brasil desempenha hoje, na pós-modernidade, um papel que a França desempenhou antes. A França foi um grande laboratório e, nessa perspectiva, o Brasil pode ser o laboratório da pós-modernidade, pois há uma ligação de fenômenos arcaicos e desenvolvimento de tecnologias, ou fazendo uma metáfora, há o candomblé e a informática”.

Maffesoli progride na sua caracterização do Brasil pela via da mestiçagem, afirmando haver problemas de racismo no país mas relevando que a experiência

brasileira tornara-se fundamental. Além disso, a imagem do Brasil na França estava se sobressaindo de modo mais favorável nos últimos anos, em razão de uma melhor divulgação de autores brasileiros. Mário de Andrade, por exemplo, somente agora ganhara suas primeiras traduções para o francês. Outros autores seminais já estavam sendo reeditados, como Sérgio Buarque de Hollanda e Guimarães Rosa.

A produção acadêmica também é saudada auspiciosamente por Maffesoli que se baseia nas sessenta teses de brasileiros elaboradas sob sua orientação: antes “apenas utilizavam o caminho europeu”, mas hoje a produção é feita dentro do “modelo de análise europeu, mas a partir de uma ótica brasileira”.

Esta simples exposição dos fragmentos de jornais permite esboçar os sentidos da transmissão e da recepção do ideário de Maffesoli em suas jornadas brasileiras. Em que pese a repetição constante de teses fundamentais - algo típico na

ENTREVISTA DE 02 DE MARÇO DE 1997 (FOLHA DE SÃO PAULO, MAIS)

reprodução de idéias pelos meios de comunicação de massa -, o tratamento dado ao Brasil inicia-se de modo tímido e cauteloso, tornando-se explícito e consistente sete anos após a primeira entrevista dada. A pressuposição, no caso, é a da inserção progressiva do Brasil como experimento social no painel teórico maffesoliano.

As frequentes idas e vindas ao Brasil produziram um ajuste de Maffesoli ao nosso país de modo distinto aos seus contemporâneos universalistas, de Saint-Hilaire a Touraine, que viveram efetivamente no Brasil. Enquanto o sociólogo da pós-modernidade tem captado particularidades do “ser” brasileiro em suas visitas, seus antecessores priorizaram o “dever ser”, seguindo os cânones da observação universalizante. A comparação de Maffesoli com Habermas neste caso é produtiva: o filósofo alemão tornou-se um defensor contundente do “dever ser” (Sollen) associado ao “ser” (Sein), porque segundo ele a universalização absoluta leva à instrumentalismo científico e a particularização radical leva à barbárie¹⁵.

No interior desta perspectiva não excludente reside a clássica disputa entre a validação universal e o relativismo, que em Maffesoli se recompõe sob forma de continuum quando procura interpretar o Brasil: ora se concilia a tradição francesa ao seguir autores seminais da sociologia,

ora se rejeita esta mesma tradição ao ultrapassar construções racionalizadoras em favor do conhecimento empírico. Daí, nas entrevistas, a evocação de Weber e Bergson para fundamentar argumentos ou críticas aos intelectuais brasileiros e franceses que não aceitam a postura dionisíaca como pertinente aos reclamos de justiça social.

Um esclarecimento melhor desta coincidência opositorum no manejo das peculiaridades da cultura brasileira pode ser feito via analistas acadêmicos.

Comentários finais

Roberto Motta, da Universidade Federal de Pernambuco, constitui um exemplo sintomático, já que introduz um dos primeiros livros de Maffesoli publicados no Brasil: O conhecimento comum, de 1988 (edição francesa de 1985). Para Motta¹⁶, Maffesoli inclina-se a denunciar o “terrorismo da coerência” e, portanto, privilegia o empírico e uma sociologia inacabada (inachevée) que deve refletir sobre uma também inacabada vida social em que se destacam o cotidiano e o banal.

Mas Maffesoli, ainda de acordo com Motta, não rejeita em bloco as grandes narrativas da sociologia. De Durkheim, por exemplo, a tese do tribalismo pós-moderno recebeu o fundamento de que as idéias são o motor inicial dos processos sociais. Porém, deste ponto em diante, o “sociólogo do cotidiano e da banalidade” afasta-se da estruturação durkheimiana, considerando que qualquer experiência tem poder cognitivo. Um indício da existência desta postura de continuum metodológico, não observada por Motta, é a dedicatória do livro de 1988: “A Julien Freund e a Edgar Morin, pensando na harmonia conflitual de todo conhecimento”.

Em termos de Brasil, Motta apenas focalizou o valor dos postulados metodológicos maffesolianos depois de relevar as vantagens do pluralismo metodológico nas ciências sociais, “que merecem máxima reflexão por parte de sociólogos e antropólogos brasileiros, muitas vezes dependentes de escolarismos que antes reforçam os interesses da profissão”¹⁷. Ainda no mesmo enfoque metodológico estende-se Gilberto Kujawski, outro comentarista acadêmico de Maffesoli também digno de atenção por escrever ainda na década de 80¹⁸.

Kujawski inicia sua apreciação questionando o motivo de Maffesoli ser pouco

conhecido no Brasil: "Só há uma explicação para essa relativa indiferença: o nível subdesenvolvido da sociologia praticada no Brasil, sociologia acadêmica, politizada no pior sentido, comandada por mandarinis mais interessados em modificar as estruturas unidimensionalmente, do que em descobrir novos aspectos fascinantes na multifária vida social que tantas surpresas ainda nos reserva". No mais, este intelectual paulista aponta o "dionisismo" de Maffesoli como "antípoda do iluminismo", citando como exemplos obras dos iluministas Voltaire (vida social descrita como "costumes e espírito") e Gilberto Freyre (que deu sentido aos "insignificantes" sociais).

Se, de um lado, Motta e Kujawski constituem indicações sobre a recepção brasileira de Maffesoli então concentrada no fazer metodológico, de outro lado, há sugestões nestes autores de que nós brasileiros "devoramos" mais um francês, durante as primeiras abordagens de sua sociologia. Depois, passo-a-passo a situação se reverteu por iniciativa do "devorado", que acabou por se tornar mais um mediador especular do que um revelador das singularidades nacionais.

Em última análise, Maffesoli é um representante emblemático da intelectualidade que busca significados nos fatos e valores da pós-modernidade por transitar entre opostos, ajustando-se tanto a Nietzsche e Bataille como a Weber e Durkheim. Havendo dúvidas quanto a estas conclusões, cabe recompor nossa matriz modernista e visitar Oswald de Andrade, para quem tais contradições na cultura brasileira foram sempre resolvidas por "digestão". Ou lembrar um famoso dito oswaldiano, também especular, que incluiria hoje Maffesoli, uma vez que "só a antropofagia nos une; socialmente; economicamente; filosoficamente".



Paulo: Studio Nobel, 1996, p.13-25.

⁴ Este tipo de olhar universalista é analisado por Lamartine P. DaCosta: "Intelectuais franceses e brasileiros: verso e reverso". Toulouse: *Caravelle*, n. 57, 1991, p. 161-170.

⁵ *Ibidem*, p. 162.

⁶ Alain Touraine: *La parole et la sang*. Paris: Odile Jacob, 1988, p. 27-49.

⁷ Michel Maffesoli: "O amor do próximo". Rio de Janeiro: *JB, Idéias/Ensaio*, 18/03/1990, p.10-11.

⁸ Bernardo de Carvalho: "Maffesoli diz que o mundo está em plena orgia". *Folha de SP, Ilustrada*, 23/11/1991, p. 4.

⁹ Ivana Bentes: "Nosso cotidiano trágico". Rio de Janeiro: *JB, Idéias/Ensaio*, 22/12/1991, p. 10-11.

¹⁰ Helena Celestino: "A tensão permanente das tribos". Rio de Janeiro: *O Globo*, Segundo Caderno, 22/10/1994, p.2.

¹¹ Paulo Roberto Pires: "O reencantamento de Maffesoli". Rio de Janeiro: *O Globo*, Segundo Caderno, 27/05/1995, p.3.

¹² André Luiz Barros: "Filosofia sob a ótica do raro otimismo". Rio de Janeiro: *JB, Caderno B*, 11/10/1996, p.5.

¹³ Paulo Roberto Pires: "A profundidade escondida na aparência". Rio de Janeiro: *O Globo*, Segundo Caderno, 12/10/1996, p.4.

¹⁴ Betina Bernardes: "O laboratório da pós-modernidade". São Paulo: *Folha de SP, Caderno Mais*, 02/03/1997, p.6.

¹⁵ Ver: Lamartine P. DaCosta: "A transfiguração da história pela cultura do dever-ser na Alemanha e no Brasil". *Memória e Cultura*, v.3, n.1, janeiro-dezembro/1993, p.5-9.

¹⁶ Roberto M. C. Motta: "Apresentação". In: Maffesoli, Michel. *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 9-13.

¹⁷ *Ibidem*, p. 13.

¹⁸ Gilberto M. Kujawski: "A sociologia dionisíaca de Maffesoli". São Paulo: *O Estado de SP, Cultura*, n. 446, 04/02/1989, p.10.

Notas

¹ O evento foi "Visões do pós-moderno", promovido pela UniRio, em 26/05/1992.

² Constatar em J.G.Couto: "Burke crê na reação à uniformidade da cultura", *Caderno Letras, Folha de SP*, 27/07/1991, p.1.

³ Massimo Canevacci: *Sincretismos - Uma exploração das hibridações culturais*. São

* Lamartine P. DaCosta é Doutor em Filosofia, Professor do Mestrado e Doutorado em Educação Física da UGF/RJ e Professor Convocado da Universidade do Porto, Portugal.